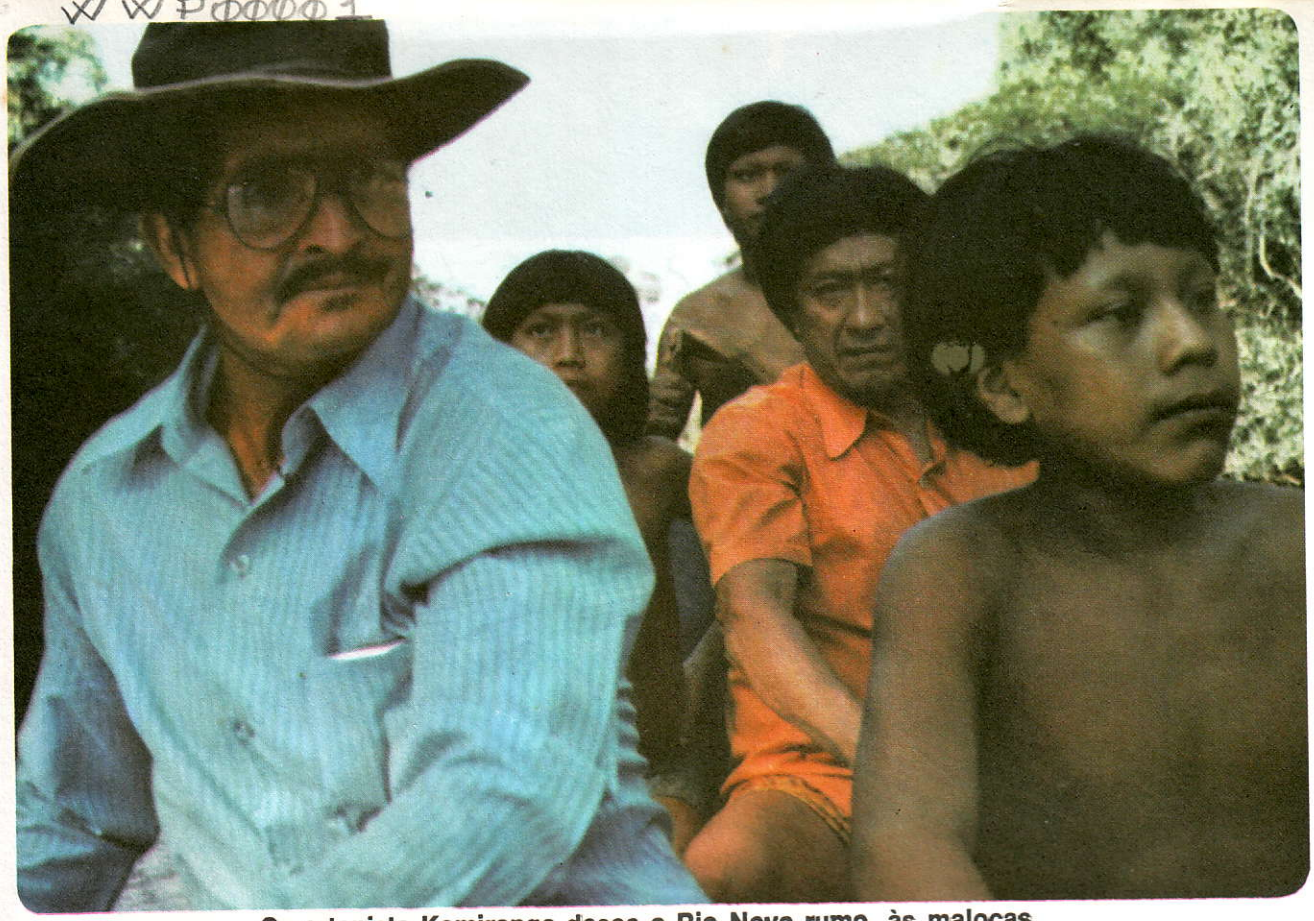


O sertanista Kamiranga desce o Rio Novo rumo às malocas

WAI-WAI

Os Wai-Wai, índios que habitam a fronteira do Brasil com a Guiana, e falam além do dialeto de origem, o inglês e o português, poderão ser a chave para desvendar o mistério que há mais de um século envolve os massacres praticados pelos Waimiri-Atroari. Esta é a opinião de diversos sertanistas, entre os quais Francisco Bezerra de Lima, atualmente entre os Yanomámi, de Roraima, mais que já trabalhou com os Waimiri.

Segundo o sertanista, os Wai-Wai, de língua karib, como os Waimiri-Atroari, mantêm contatos intertribais e bastaria aos Wai-Wai mostrar aos seus amigos que a intenção dos sertanistas é proteger o grupo em face das frentes pioneiras que inevitavelmente atingirão a área de influência daqueles índios.

FALTA DIÁLOGO

Para Francisco Bezerra — que por duas vezes acompanhou Gilberto Pinto Figueiredo nos contatos com os Waimiri-Atroari — aquele grupo tem atacado os civilizados porque não há ninguém que fale corretamente a sua língua. "O diálogo através da mímica — diz o sertanista — é muito difícil de ser compreendido e pode levar a uma má interpretação por parte do índio".

Acrescenta ainda que os Waimiri, ao que tudo indica, têm os civilizados como perversos. E essa história eles vêm transmitindo de geração a geração, sendo possível que às vezes ocorram exageros.

No passado aqueles índios sofreram muito à beira do rio Negro e agora vêem que os brancos estão em suas terras. Por serem de índole guerreira, pensam naturalmente em hostilidade.

Atualmente os Waimiri-Atroari mantêm contatos com os sertanistas da FUNAI que atuam na área de sua reserva, no Estado do Amazonas, mas ninguém pode dizer o que ainda está por acontecer. Para o sertanista, saber a língua dos Waimiri-Atroari já representa meio caminho andado e seria muito útil a colaboração dos Wai-Wai como intérpretes.

BANANA E CARÁ

Também o sertanista Otávio Pinheiro Canguçú, que atuou junto aos Wai-Wai, tem conhecimento da amizade que une aqueles dois grupos. Segundo ainda Canguçú, índios Wai-Wai chegaram, certa vez, a permanecer três meses na aldeia dos Waimiri. Ao regressar, revelaram, entre outras coisas, que eles possuem extensas roças de banana e cará.

Os que falam o Waimiri-Atroari chegaram a convidar o sertanista para os acompanhar até a aldeia deles, mas Canguçú agradeceu o convite, apesar da promessa de garantia. Naquela época, era Gilberto Pinto Figueiredo, mais tarde massacrado por aquele grupo tribal, o encarregado da atração dos Waimiri-Atroari.

WAI-WAI

Os Wai-Wai não são ainda totalmente conhecidos e apenas alguns aspectos de sua cultura já foram pesquisados por atropólogos, entre os quais Célio Horst, da FUNAI. Eles se distribuem hoje por três aldeias: Anauá, Kijaoko ou Saúba e Kasximeuco ou Santa Luzia. As duas primeiras estão sendo abandonadas e situam-se, respectivamente, às margens direita e esquerda do rio Novo. A terceira é a nova aldeia, também à margem direita do mesmo rio, distante de Kijaoko nove horas de canoa rasa, em época de seca.

O acesso às aldeias se faz por via aérea até o campo de pouso de Anauá; daí a Kijaoko e depois a Kasximeuco. Por via fluvial, o acesso se consegue pelo rio Caracaraí, em barco raso, até Kasximeuco, subindo o rio Novo. Esse rio serve às três aldeias dos Wai-Wai e apresenta muitas praias em seu curso de água preta, variando de profundidade e largura. Na época das chuvas formam-se furos,[1] bem como igarapés que desembocam em seu curso.

A região de influência dos Wai-Wai é plana, com pequenas ondulações. Encontra-se próxima aos contrafortes do planalto guiano. A vegetação é amazônica, com árvores de pequeno, médio e grande portes, com grande variedade de pássaros, porcos-do-mato, capivaras, onças e cobras. Dependendo da época, a região apresenta boa quantidade de peixes, sendo o regime pluviométrico bem alto.

Antigamente os Wai-Wai viviam em bandos, distribuídos pelos cursos médio e superior do rio Nhamundá (Amazonas-Pará) e Jatapu (Amazonas); médio Trombetas, Cachorro, Cachorrinho e Mapuera (Pará); margens superiores do Essequibo (Guiana) e região do rio Anauá (Roraima). Nos dias de hoje ainda podem ser ali encontrados, além de habitarem três aldeias mencionadas anteriormente, no rio Mapuera, rio Nhamundá, Posto Indígena de Nhamundá, na divisa do Amazonas com o Pará, datando de 1949 os primeiros contatos com os brancos.

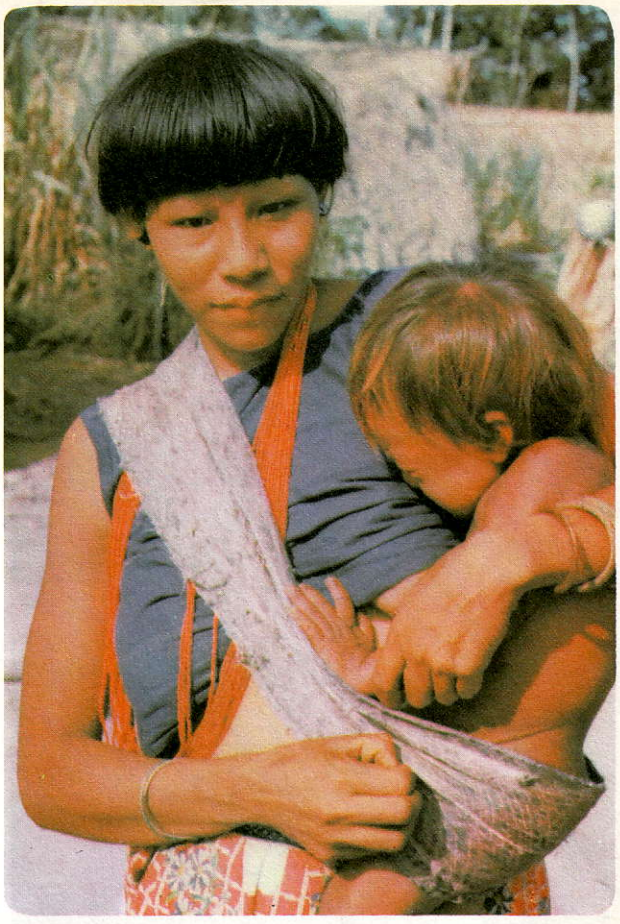
CONVERSÃO

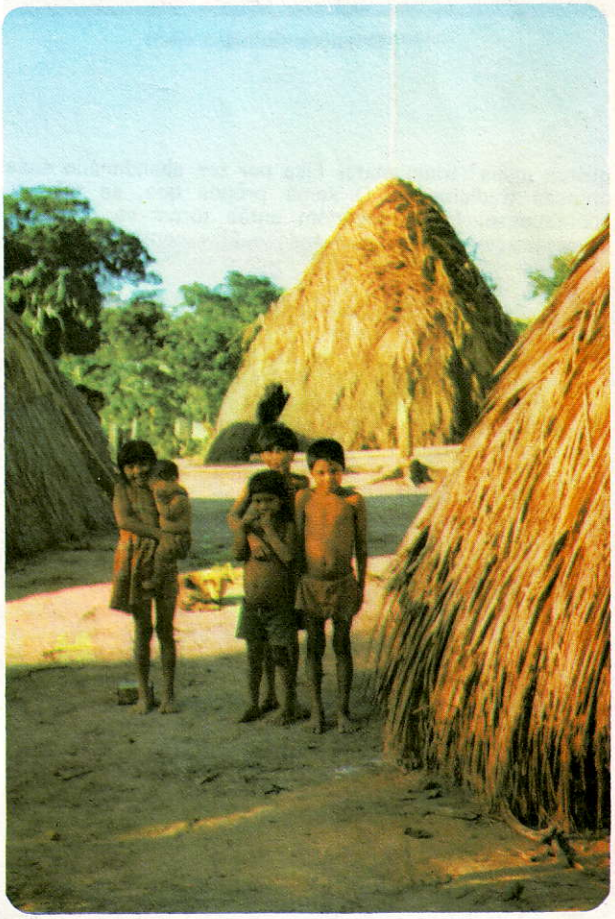
A respeito da conversão ocorrida entre eles, disse Célio Horst:

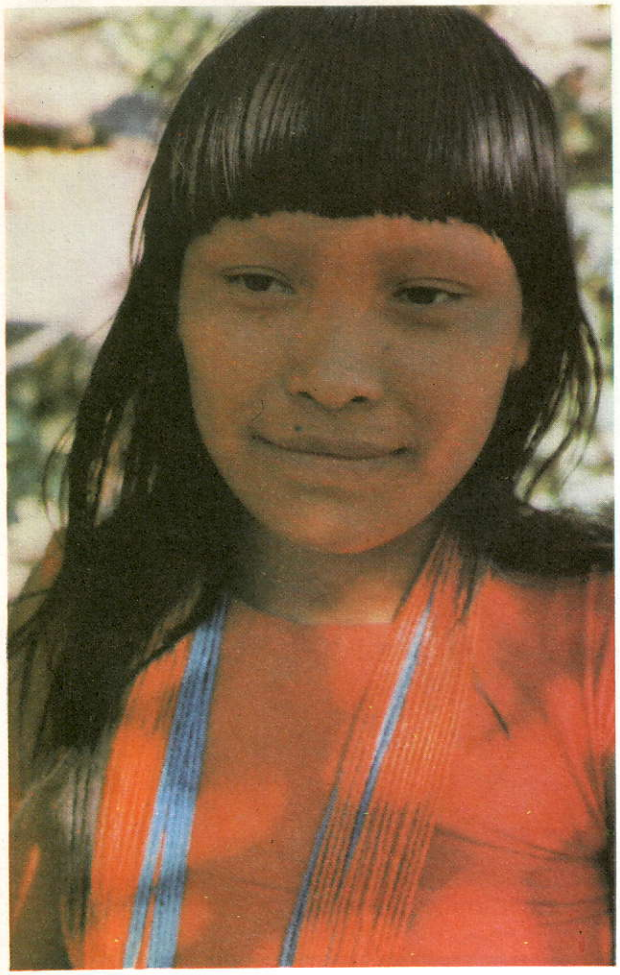
"Em 1955 ocorreu a conversão de Elka, o principal xamã dos Wai-Wai, quando, esgotados todos os apelos a seus deuses para salvar a filha Shakauwa, recorreu aos ensinamentos e práticas da religião dos brancos. Obtida a cura da filha, Elka desacreditou nos "espíritos" e passou a crer no poder do Deus dos brancos.

Convertido ao cristianismo, propôs ele, três meses depois, que todos os Wai-Wai também fizessem o mesmo. A princípio houve resistência. Diziam que os "es-

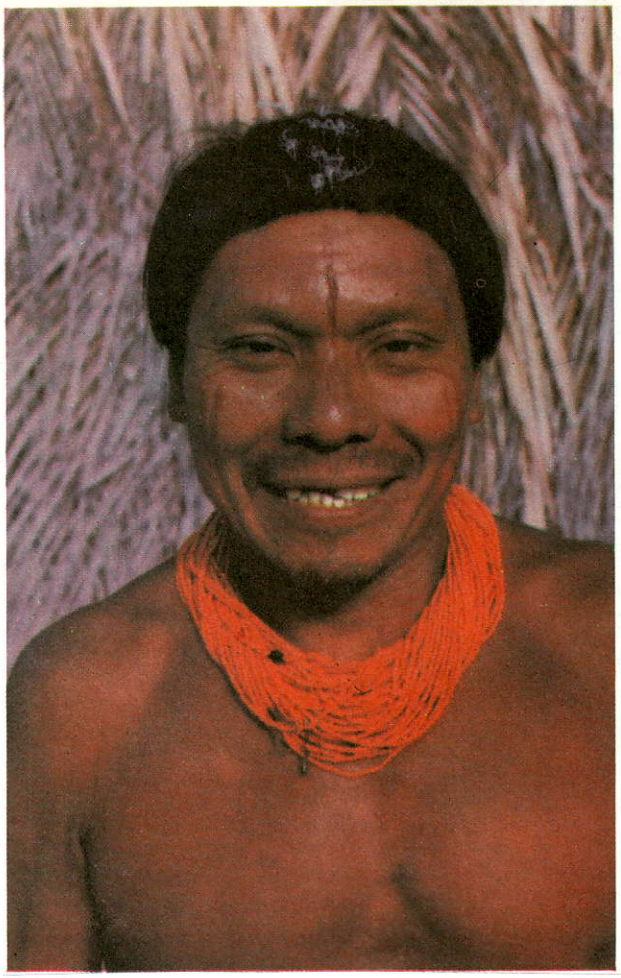
(1) Comunicação natural entre dois rios ou entre um rio e uma lagoa.







Crianças sadias



Os homens usam pintura facial e colar de muitas voltas.

píritos maus" iriam matar Elka por ter abandonado suas crenças tradicionais. O xamã propôs que, se tal não acontecesse, todos deveriam então tornar-se cristãos. Como o tempo fosse passando e Elka continuasse vivo, os índios aos poucos se converteram.

Dessa forma Elka passou a liderar os Wai-Wai que viviam dispersos em bandos e famílias extensivas. Depois de algum tempo foram agrupados em aldeias.

Acreditavam que os bons e maus espíritos invocados iam para uma casa com dois pavimentos. O mais alto estava a três metros do solo. No segundo pavimento ficavam as flautas de bambu fino, tambores, cascos de tartaruga, fêmures de animais, objetos que consideravam sagrados.

Anteriormente à conversão viviam os Wai-Wai em famílias extensas, seguindo o sistema matrilocal de casamento. Os homens mais velhos tomavam as decisões de interesse da comunidade e os que possuíssem mais filhas detinham o maior poder no grupo local. Os arranjos matrimoniais eram realizados quando as crianças chegavam mais ou menos aos oito anos e às vezes até quando em fase de amamentação.

Esse traço cultural ainda permanece, mas a idade está aumentando."

Houve época em que praticaram o infanticídio. E devido à falta de mulheres os Wai-Wai entraram em choque com outras aldeias, matando os homens e roubando as mulheres.

Antes da conversão, tinham o costume de cremar os mortos, colocando depois as cinzas em grandes panelas de barro, que eram cobertas com folhas de cabaça. Todos os pertences do morto também eram queimados, e quebrados os arcos e as flechas. O local de cremação era próximo à aldeia.

Estas urnas funerárias podem ser encontradas ainda hoje em grande quantidade no rio Mapuera, na cachoeira Urucurim, a maior acima do Equador (caminhando para Leste), a uma profundidade de 30 a 45 centímetros.

Os Wai-Wai acreditavam que toda a morte era provocada pela ação dos "maus espíritos", a mando de alguma pessoa, que, posteriormente, deveria ser morta pelos parentes da primeira pessoa. Para isso, retiravam um osso da espinha dorsal do morto, que era levado para junto de uma árvore. Aí se realizava um cerimonial. Os espíritos eram invocados para matar a pessoa. Após essa cerimônia, o que causou a morte deveria morrer em três dias. Se o morto fosse chefe de família extensiva, os parentes abandonavam a casa e em seguida a queimavam. Se fosse uma mulher a morta, os parentes destruíam todos os seus pertences. No caso de a mulher falecer durante o parto, e a criança sobreviver, esta era surrada até morrer, sendo depois cremada com o corpo da mãe.

Esse costume, no entanto, pertence ao passado. Hoje, devido à ação dos missionários, o sepultamento é feito a um metro de profundidade, com o corpo envol-

vido numa rede e depositado no buraco forrado de madeira. Os pertences são enterrados com o morto. No caso de ter possuído uma canoa, ela é entregue a um parente. O mesmo acontece com o cachorro, se for bom. Caso contrário é sacrificado.

Os viúvos podem tornar a casar-se, desde que com pessoa solteira.

Essas informações foram colhidas dos índios mais antigos na aldeia Kasximeuco e dos missionários José Hill e Cláudio Leavitt, disse Célio Horst.

POPULAÇÃO

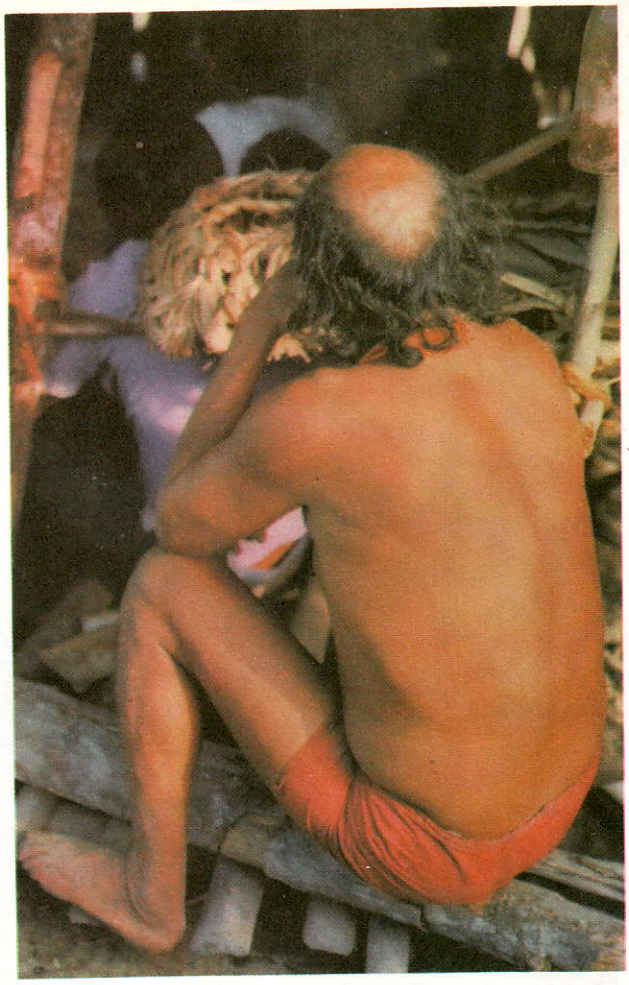
Supunha-se até 1973/74 que residiam no Brasil somente uma centena de Wai-Wai, na região de Anauá. Foi quando a FUNAI teve notícia da existência de outros grupos na região dos rios Mapuera e Nhamundá.

LÍNGUA E ADORNOS

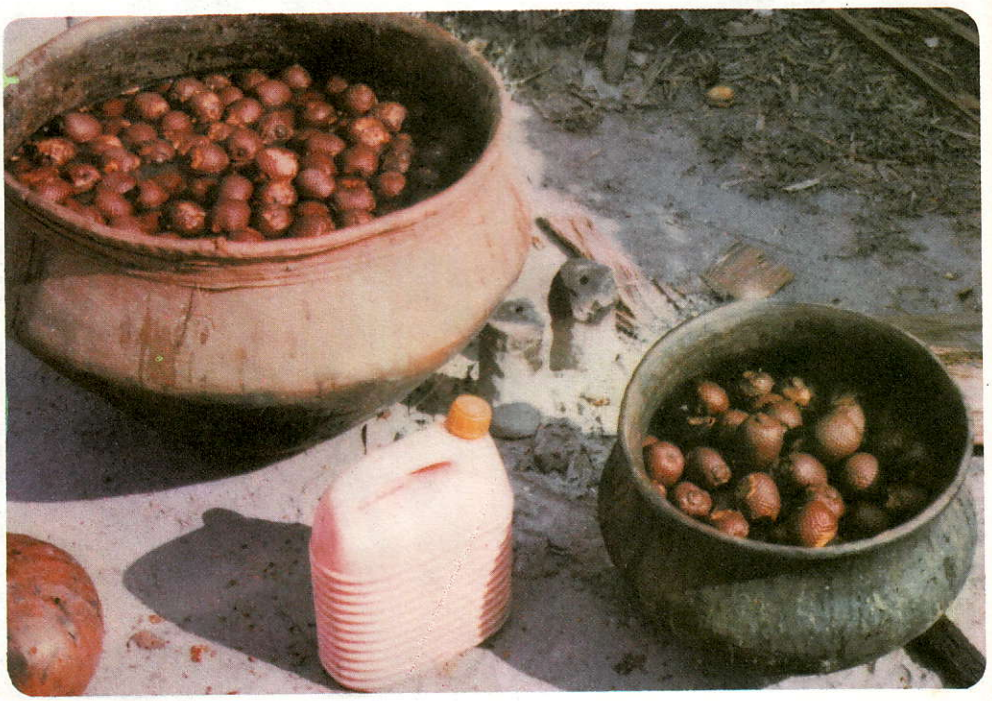
Os Wai-Wai falam e entendem o inglês, sendo raros os que compreendem algumas palavras portuguesas. O tipo de corte de cabelo se assemelha ao dos civilizados. Alguns ainda o prendem à taquara, típico traço da cultura Wai-Wai.

Usam adornos de penas e contas de plástico, com que fazem colares, cintos, braçadeiras, **kirititi** (cordão usado nas pernas com várias voltas), **ufanari** (brincos para ambos os sexos, feitos de penas, pedaços de vidro ou caramujo, coco e bambu fino, amarrado um ao outro, por um fio que passa pela nuca), e **uenepu,** que é uma tipóia de envira.

Alguns índios ainda se pintam com tinta de urucu, havendo predominância das roupas vermelhas. Andam sempre descalços.



Índio calvo chamou a atenção.



A cerâmica, o plástico e o alimento — o buriti

Obtêm o fogo com emprego de fósforo ou isqueiro. Três barras de barro cozido, cujo nome é **sehyakata**, servem de apoio às panelas. Além disso confeccionam panelas de dois tipos: uma delas vai ao fogo, tendo resina em seu interior. A segunda serve para colocar água, com resina interna e externamente. A altura e o diâmetro variam e a que não apresenta desenho é a que vai ao fogo. A cerâmica para guardar água tem desenhos simétricos.

Existem trançados de dois tipos para a confecção de

peneiras. Uma apresenta trançado simples, com bordas grossas, onde são colocados os alimentos para secar. Tem o nome de **weeci.** A **manara** é uma peneira mais sofisticada, com desenhos simétricos e trançado variado, servindo para peneirar a farinha de mandioca. Usam, também, o tipiti de tamanhos diferentes.

Segundo informações colhidas entre os Wai-Wai mais velhos, as boas caçadas eram anunciadas por uma espécie de corneta feita de chifre.

Eles sabem tecer o algodão, porém já não utilizam os métodos antigos para a confecção de redes, dando preferência à dos nacionais.

HABITAÇÃO

As casas visitadas pelos sertanistas da FUNAI eram dispostas sem ordenação em um terreiro, variando a distância entre elas de um a três metros. Foram encontrados três tipos de casa:

Casa 1. Armação de paus, coberta com palha de paxiúba, base circular, com diâmetro aproximado de oito metros. Quatro metros de altura, tendo no topo uma vara com mais ou menos 2,30 m.

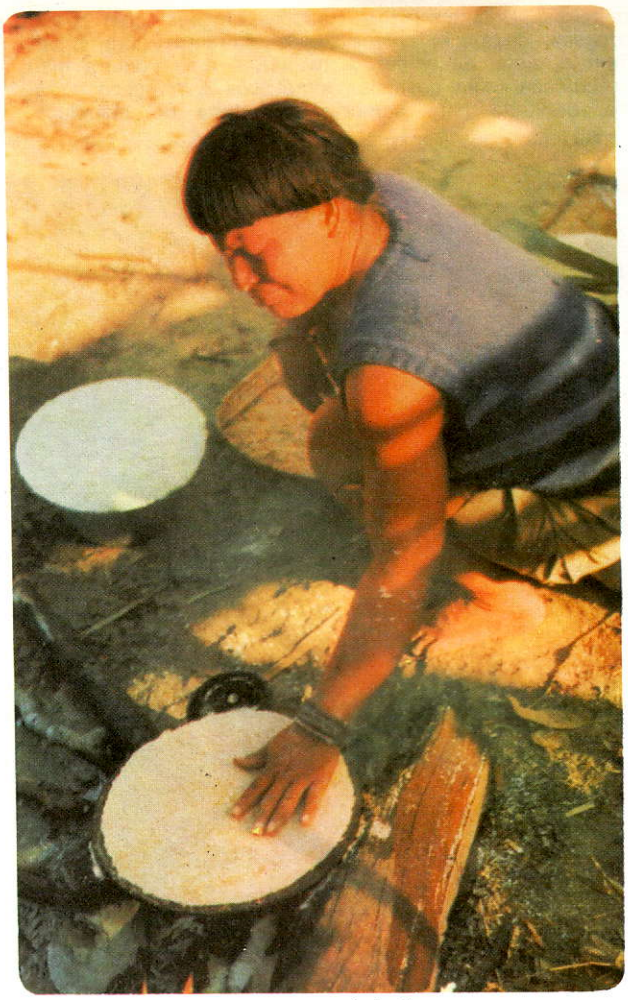
Casa 2. Armação de paus, coberta também de palha de paxiúba, com base circular e diâmetro aproximado de dez metros. No topo há uma abertura que é coberta quando chove por uma armação controlada de dentro da casa. Essa abertura serve para saída da fumaça do interior da casa.

Casa 3. Armação de paus, com cobertura de palha de paxiúba. Aproxima-se seu estilo das construções regionais, com uma parede de mais ou menos um metro, com coberturas que podem alcançar até três metros.

O interior dessas casas é asseado, esmerando-se as mulheres na limpeza. Todas apresentam prateleiras onde são colocados espelhos, pentes, roupas, perfumes e sabonetes comprados aos missionários.

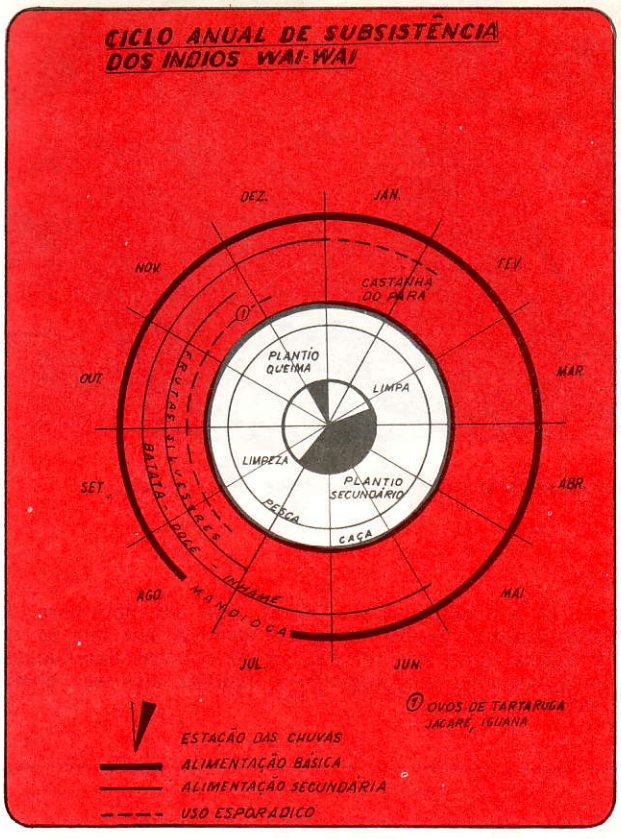
A casa comunal é ocupada por uma família extensa matrilocal e possui forma circular, variando o tamanho conforme o número de ocupantes. Sua localização é perto do rio ou igarapé.

A construção apresenta parede vertical com 1,50m de altura, com o teto a uns 9m do solo. O diâmetro vai de 6 a 20 metros. A cobertura é de palha e existem



A presença do beiju.

A nova aldeia



Pesca da arraia.

duas entradas opostas, ficando o fogo próximo das redes. O interior não apresenta divisões e as famílias nucleares têm seu lugar definido. As redes de cada família geralmente são armadas em forma triangular, com o fogo ao centro.

As redes pertencentes aos homens ficam mais altas. As das mulheres um pouco abaixo. As crianças do sexo masculino, após certa idade, dormem com os pais e as filhas com a mãe.

Em volta da casa existem jiraus, onde de dia são feitos os beijus.

Homens e mulheres já não tomam banhos juntos e nus. Os homens usam shorts e as mulheres calcinhas. A troca de roupa se faz às margens do rio, havendo uma espécie de tapume ou biombo para esse fim.

CAÇA E PESCA

Os Wai-Wai se utilizam do arco e da flecha em suas caçadas e pescarias, com mais freqüência do que a espingarda, devido à falta de chumbo e pólvora. Os anzóis de metal, os fios de nailon e chumbo para a pesca eles conseguem através de compra. Como a pesca e a caça são abundantes não têm necessidade de grandes deslocamentos na mata, bastando uma noite no mato para obter o suprimento desejado.

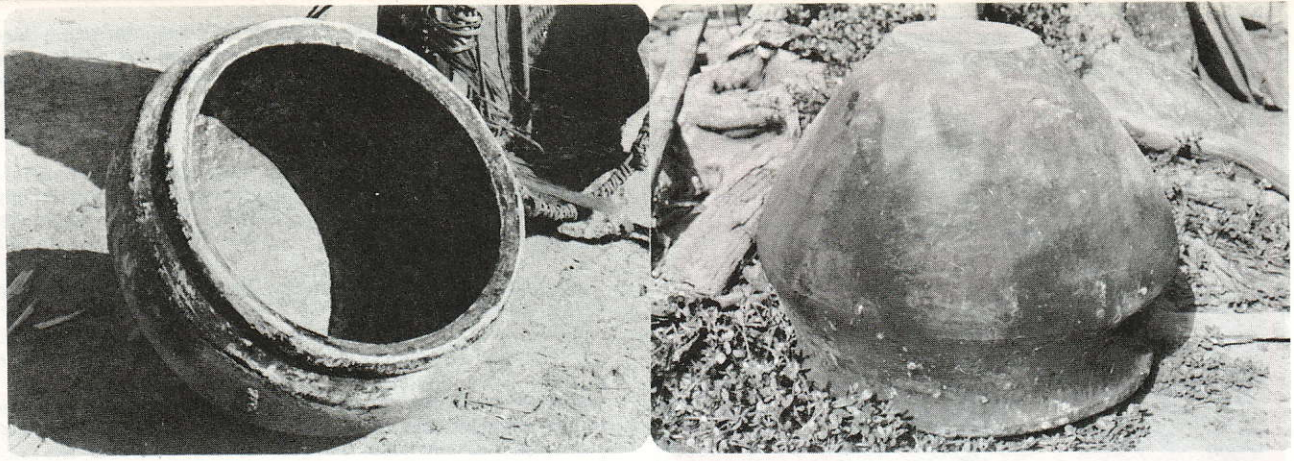
CURIOSIDADE

Hoje em dia os Wai-Wai se mostram muito interessados em saber notícias sobre outros índios, como se vive numa cidade grande e quais os costumes, festas, danças e músicas. Como já ouviram falar em Manaus, Rio de Janeiro e Brasília, indagam com muita curiosidade onde se localizam e como se pode chegar a elas. Qualquer informação sobre os brancos é sempre recebida com muito interesse.

DIVISÃO DO TRABALHO ENTRE OS WAI-WAI

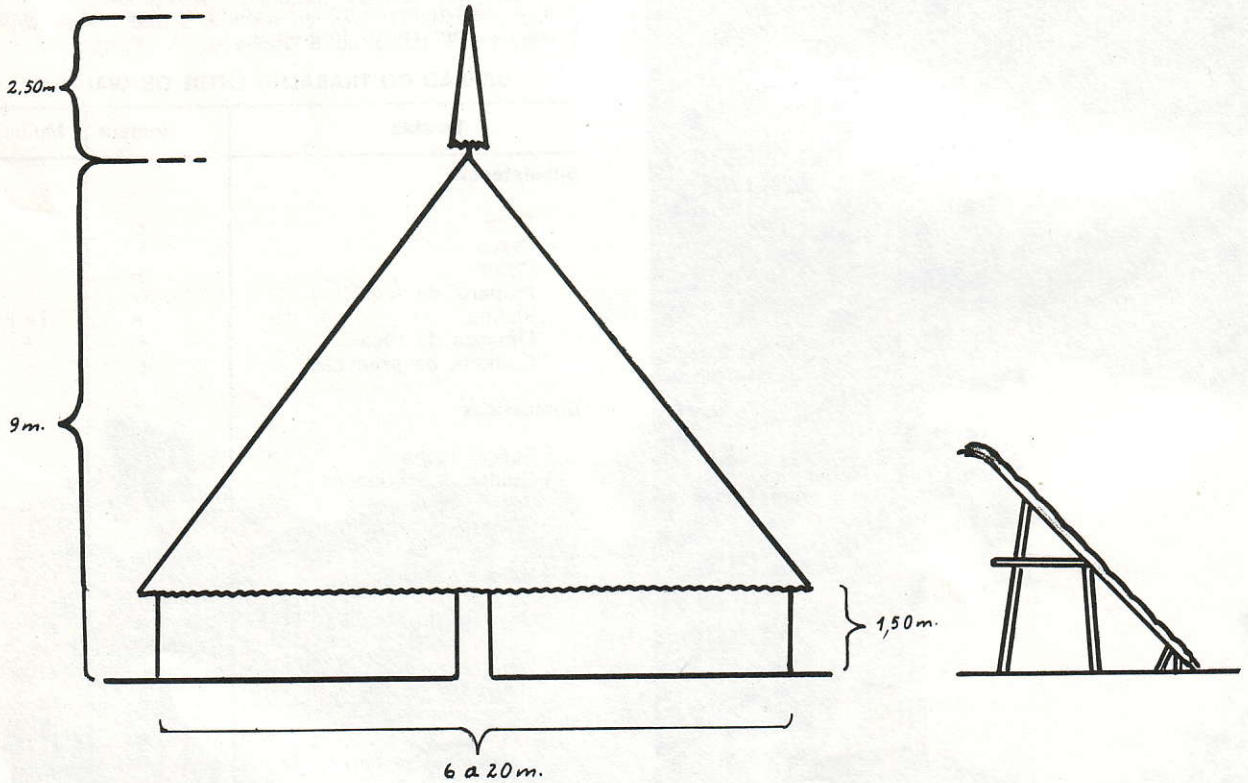
Tarefas	Homem	Mulher
Subsistência		
Caça	+	
Pesca	+	
Coleta	+	
Preparo da roça	+	
Plantio	+	(+)
Limpeza da roça	+	+
Colheita da produção	+	+
Domésticas		
Buscar lenha		+
Cuidar das crianças	+	+
Buscar água		+
Preparo da alimentação		+
Artesanato		
Colheita do algodão	+	+
Fiar algodão		+
Tecer algodão	+	
Fios para pesca	+	
Tecer redes	+	(+)
Esteiras	+	
Bancos de madeira	+	
Adornos de penas	+	
Cerâmica		+
Arco e flecha	+	
Canoas e anzóis	+	
Cerimônias	+	(+)

(+) Trabalho executado eventualmente por mulher.



A cerâmica Waimiri-Atroari entre os Wai-Wai do rio Anauá mostra o relacionamento dos dois grupos.

OCUPAÇÃO

As mulheres passam a maior parte do dia entregues ao processamento da mandioca. Todos conhecem meios anticoncepcionais, existindo um perfeito equilíbrio populacional com o meio ambiente.

O antropólogo Célio Horst, que em novembro do ano passado esteve entre os Wai-Wai em missão de pesquisa, disse não ter encontrado crianças defeituosas, mas assinalou que, segundo a tradição, elas são eliminadas ao nascer.